

# CAPÍTULO 16

## A DIFICULDADE DE LEITURA NO PERÍODO PANDÊMICO DE RETORNO ÀS AULAS PRESENCIAIS

**Sângela Dourado Castro Noieto  
Marta Helena Facco Piovesan**

### RESUMO

A pesquisa aqui desenvolvida visa a analisar as dificuldades de leitura no período pandêmico de retorno às aulas presenciais nos 5º anos da Escola Municipal Padre Ângelo de Lassalandra em Balsas/MA. O período escolhido para a análise foi durante a pandemia do coronavírus, na volta às aulas presenciais, quando os professores receberam os alunos que voltavam de um período de aulas remotas e apresentavam deficiência na leitura e na escrita. A pandemia da Covid-19 trouxe desafios substanciais ao setor educacional, no Brasil e no mundo. O cenário sem precedentes exigiu rápida e inédita reação de todos os setores para amenizar as dificuldades apresentadas pelos alunos no retorno às aulas presenciais. Diante disso, essa pesquisa une forças de professores da Educação Básica com professores pesquisadores, extensionistas e voluntários do Ensino Superior para tentar diminuir os impactos causados pela pandemia. Esse projeto visa, então, a analisar as dificuldades de leitura dos alunos da rede pública, contribuir para uma aprendizagem de leitura compreensível, além de incentivar o hábito de ler. A pesquisa caracteriza-se como qualitativa/interpretativa, pesquisa bibliográfica, seguida de pesquisa de campo exploratória em que a Escola Campo foi a Escola Municipal Padre Ângelo de Lassalandra. Estudar o processo de leitura e de compreensão textual na educação básica é fundamental para que se possa repensar as práticas pedagógicas, principalmente em um período pandêmico em que os alunos ficaram sem o contato presencial com a escola e os professores. A pesquisa desenvolvida representa um importante passo como estratégia para a melhoria do processo de ensino e aprendizagem de leitura para alunos defasados em virtude da pandemia do coronavírus.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ensino. Leitura. Pandemia. Aprendizagem.

### 1. INTRODUÇÃO

O estudo aqui apresentado visa a investigar as dificuldades de leitura no período pandêmico de retorno às aulas presenciais nos 5º anos da Escola Municipal Padre Ângelo de Lassalandra em Balsas/MA. Essa necessidade se deu na volta às aulas presenciais, em agosto de 2021, quando os alunos retornaram às escolas após um ano e meio de pandemia.

O grande desafio das escolas brasileiras sempre foi fazer o aluno ler e entender o que estava lendo, e esse problema se agravou com o aparecimento do coronavírus. Desde o início da pandemia as atividades escolares presenciais foram suspensas na maior parte do país. Pais, estudantes, professores e toda a comunidade escolar permaneceram em isolamento para evitar um agravamento do coronavírus que se espalhou pelo país causando muitas mortes e medo na população. Para contornar os prejuízos no processo de aprendizagem dos estudantes, muitas escolas optaram pelo ensino não-presencial. Dessa forma, professores e alunos se depararam com muitos problemas, sendo o principal deles o acesso de boa qualidade à internet, deixando muitos alunos desassistidos das aulas online.

A alfabetização já era um desafio no Brasil, com os últimos dados que indicam que menos da metade dos estudantes do 3º ano do Ensino Fundamental alcançaram os níveis de proficiência suficientes em leitura (Avaliação Nacional da Alfabetização - ANA, 2016), e com a pandemia essa estatística ficou ainda pior.

Mas como ficou a alfabetização e o letramento na pandemia? Magda Soares (2020) afirma que a presença do alfabetizador muito dificilmente pode ser substituída por um adulto não formado para essa ação educativa. E acrescenta, ainda, que o efeito negativo dessa interrupção no processo de escolarização que já era precária, vai prejudicar ainda mais a alfabetização das crianças das camadas populares, resultado das desigualdades econômicas, sociais, culturais.

Assim, esta pesquisa que visa a analisar os impactos negativos da pandemia, torna-se um estudo relevante socialmente, pois fará uma intervenção social, detectando os problemas de alfabetização e leitura. Há um impacto social com o resultado da pesquisa, pois se pretende obter os índices de dificuldade de alfabetização em uma Escola Municipal de Balsas - MA, que pode se estender a outras escolas e gerar ações que procurem sanar esse problema.

Diante disso, o objetivo geral proposto pela pesquisa foi analisar as dificuldades de leitura no período pandêmico dos alunos da rede pública de ensino. Ainda, verificar o impacto da pandemia em relação à dificuldade de leitura das turmas de 5º anos da Escola Municipal Padre Ângela de Lassalandra e investigar os motivos das dificuldades de leitura dos alunos. Apontar o impacto do projeto sobre a aprendizagem de leitura compreensível dos alunos e constatar a importância de incentivar o hábito de ler.

A pesquisa caracteriza-se como qualitativa/interpretativa seguida de pesquisa bibliográfica, foi também de natureza exploratória e descritiva e deu-se por meio de uma pesquisa de campo. Além disso, foi uma pesquisa participativa de intervenção, pois trabalhou a dificuldade de leitura dos alunos. A Escola campo escolhida foi a Escola Municipal Padre Ângelo de Lassalandra, especificamente os alunos dos 5º anos, turno matutino e vespertino. Uma escola que possui atualmente 1.295 alunos e estruturalmente é uma escola ampla, necessitando de algumas adaptações para um melhor aproveitamento de seu ambiente físico e melhoria de atendimento ao educando. À escola, como instituição, cabe a socialização do saber, da ciência, da técnica e das formas culturais e artísticas produzidas socialmente. É importante que ela seja politicamente comprometida e capaz de interpretar as carências, anseios e

perspectivas reveladas pela sociedade, desenvolvendo atividades educativas eficazes para o atendimento às demandas sociais.

Estudar o processo de leitura e de compreensão textual na educação básica é fundamental para que se possa repensar as práticas pedagógicas, principalmente em um período pandêmico em que os alunos ficaram sem o contato presencial com a escola e os professores.

O projeto aqui exposto tem uma importância social, pois vai permitir afirmar que as escolas requerem investimento público direcionado à capacitação continuada de seus professores ou que é urgente que se estabeleça uma relação de parceria entre universidades e escolas para amenizar os impactos da pandemia, permitindo que essas descobertas, fruto de pesquisa acadêmica, estejam acessíveis para aplicação em toda a educação básica.

A pesquisa está dividida em capítulos e inicia apresentando os desafios das escolas na pandemia, as dificuldades enfrentadas por professores e alunos quando iniciou o ensino remoto emergencial.

Logo após, o capítulo “A Importância de ler e entender” expõe como a leitura significativa é relevante para o desenvolvimento de uma consciência crítica do aluno.

O capítulo seguinte intitulado “Alfabetizar Letrando” traz as concepções de Alfabetização e Letramento, suas particularidades e suas semelhanças, a relevância de serem aplicadas no processo de ensino da alfabetização de forma necessária para a participação efetiva do indivíduo na sociedade.

O quinto capítulo apresenta a metodologia utilizada, lançando mão de pesquisa exploratória, descritiva, por meio de entrevista feita com voluntários do projeto, de caráter qualitativo, interpretativo e descritiva com perguntas abertas e fechadas, objetivando analisar algumas características das dificuldades de leitura e fazendo reflexões sobre o período pandêmico.

E por último expõe os resultados obtidos através da pesquisa de campo com a apresentação de um gráfico sendo organizado em categorias, identificação dos participantes e sobre a importância dos métodos utilizados no desenvolvimento da leitura a partir da percepção dos professores.

## **2. DESAFIOS DA LEITURA NA PANDEMIA**

Em março de 2020, o mundo foi paralisado por uma pandemia e a alta prevalência do vírus COVID-19 tornou o isolamento social a arma mais poderosa na luta contra o vírus. A

Organização Mundial da Saúde (OMS), em recomendação como alternativa de barrar a propagação do vírus, sugeriu o fechamento das escolas. Então as instituições de ensino tiveram que fechar suas portas e a maioria dessas instituições continuou suas atividades por meio do ensino a distância, sem tempo hábil para um preparo adequado ou condições de haver organização pedagógica.

No dia 17 de março de 2020, o então ministro da Educação Abraham Weintraub assinou a portaria Nº 343 que estabelecia sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durasse a situação de pandemia do Novo Coronavírus - COVID-19. (MEC, 2020).

O Conselho Nacional de Educação (CNE), no sentido de apoiar e legalizar o uso da educação a distância/remota emitiu parecer favorável em 28 de abril de 2020 sobre a reorganização do calendário escolar e a possibilidade de atividades continuarem remotamente para computação da carga horária mínima anual. O edital foi homologado pelo Ministério da educação em 29 de maio de 2020 e apesar do ensino à distância/ remoto estar regulamentado pelo MEC, as escolas não estavam preparadas para tal realidade.

Cordeiro (2020) afirma que reaprender a ensinar e reaprender a aprender são desafios em meio ao isolamento social na educação do país. A pandemia fez com que os profissionais aprendessem a ministrar suas aulas de uma forma diferente daquelas que eram ministradas presencialmente, cada um fazendo uso dos recursos que tinha, alguns somente com o uso de um celular e aplicativos, outros com suportes mais avançados e com auxílio de equipe tecnológica. O mesmo aconteceu na realidade dos alunos, alguns, nem celular tinham, outros com todos os recursos possíveis para auxiliar no processo de ensino aprendizagem.

De forma emergencial e com pouco tempo de planejamento e discussão (o que levaria meses em situação normal, professores e gestores escolares, público e privado, da educação básica a superior, tiveram que adaptar in real time (em tempo real) o currículo, atividades, conteúdos e aulas como um todo, que foram projetadas para uma experiência pessoal e presencial (mesmo que semipresencial), e transformá-las em um Ensino Remoto Emergencial totalmente experimental. Fazendo um recorte desse processo, podemos afirmar que nunca a educação foi tão inovadora. Foi a transformação digital mais rápida que se tem notícia num setor inteiro e ao mesmo tempo (TOMAZINHO, 2020, p. 8).

Todo o sistema de ensino, da Educação Básica ao Ensino Superior, teve que se reinventar para que não houvesse prejuízos para os alunos diante da transmissão rápida e da disseminação do vírus em todo o país e para proporcionar aprendizagem mesmo que de maneira remota. Essas mudanças bruscas ocorridas no ensino, principalmente na educação básica,

evidenciaram ainda mais a desigualdade social presente no Brasil, provocando ainda mais atraso no ensino dos estudantes.

Rodrigues (2021) apresenta as mudanças e transformações ocorridas no ensino causadas pelo estado de emergência e os desafios enfrentados pelos professores e alunos para se adaptarem às novas configurações do ensino.

O ensino remoto emergencial requereu da comunidade educacional a adaptação, a resignificação e o enfrentamento de diversas situações, tais como a ausência do relacionamento presencial de alunos e professores, a necessidade de maior autonomia dos alunos na aprendizagem e dos pais coadunarem o trabalho e o estudo dos filhos, bem como a complexa realidade de sobrecarga de trabalho dos educadores (RODRIGUES, 2021, p. 25).

A dificuldade de acesso à internet, a escassez de equipamentos tecnológicos, a falta de recursos para impressão de material, a falta de formação e capacitação de professores para lidar com as tecnologias e se adaptar a novas formas didáticas foram obstáculos muito categóricos e dificuldade para o ensino remoto emergencial.

Diante do contexto adverso, o ensino remoto emergencial foi a única opção diante da situação apresentada, foi a alternativa possível de interação entre a criança e a escola. Essa situação trouxe diversos desafios aos educadores que se relacionavam à competência tecnológica, à aplicação de metodologias, à capacidade de interação com os alunos, dentre outras situações que se tornaram dificuldades diante do grave problema que afetou a humanidade como um todo.

Surgem então as aulas remotas, mas como ministrar aulas online usando metodologias que garantissem o aprendizado e o engajamento dos alunos? Uma das maiores dificuldades encontradas pelos professores foi garantir o processo de ensino-aprendizagem dos alunos e possibilitar que as habilidades de leitura e escrita fossem trabalhadas. As crianças em processo de alfabetização e letramento tiveram que ficar longe da sala de aula convencional e o uso das mídias digitais foram o único acesso e interação entre professor-aluno.

Segundo a Política Nacional de Alfabetização (BRASIL-PNA, 2019), o progresso nos estudos depende da aquisição de conhecimentos básicos. Sem saber ler com compreensão, escrever corretamente, a criança não conseguirá percorrer com êxito sua trajetória escolar nem terá igualdade de condições e de oportunidades para alcançar seu desenvolvimento pessoal para contribuir com a sociedade. No entanto, os resultados obtidos pelo Brasil nas avaliações internacionais e os próprios indicadores nacionais revelam um grave problema no ensino e na aprendizagem de leitura e de escrita.

Um dado importante sobre educação é o percentual de pessoas alfabetizadas. No Brasil, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD- IBGE, 2019), a taxa de analfabetismo das pessoas de 15 anos ou mais anos de idade foi estimada em 6,6% (11 milhões de analfabetos). Com a pandemia e a mudança repentina do ensino presencial para as aulas online, aumentou a preocupação com a alfabetização das crianças. A PNA (BRASIL, 2019, p. 19), quanto a isso, amplia a importância desta etapa do processo educacional e social na formação dos cidadãos.

O analfabetismo atualmente está claramente associado a condições adversas de vida, geralmente relacionadas à pobreza e geradoras de diferentes formas de vulnerabilidade social, que se expressam em moradia e saneamento precários, meios de subsistência quase inexistentes e falta de oportunidade de usufruir de todos os direitos e deveres da cidadania. Quando as crianças aprendem a ler e a escrever, elas adquirem um meio eficaz para conhecer e agir sobre o mundo à sua volta, possibilitando abertura de novos caminhos para a equidade social. Neste início de século XXI a alfabetização eficaz é um tema global, cada vez mais prioritário nos países desenvolvidos. Assim, aprender a ler tornou-se direito de todos e necessidade primária no mundo desenvolvido (BRASIL, 2019, p. 19).

A alfabetização é muito importante para dar liberdade e autonomia para os cidadãos, abre portas para o mundo dos saberes e da inclusão. É preciso fornecer mecanismos para a construção de um aluno autônomo e crítico capaz de refletir sobre a funcionalidade da língua em diferentes contextos de uso. A leitura torna-se indispensável dentro do contexto escolar, visto que o ato de ler possibilita ao aluno o desenvolvimento de competências e habilidades indispensáveis para a vida em sociedade.

Segundo Koch e Elias (2010), a leitura é uma atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos que se realiza evidentemente com base nos elementos linguísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas requer a mobilização de um vasto conjunto de saberes no interior do evento comunicativo. O ato de ler é um processo abrangente e complexo; é um processo de compreensão, de inteligência de mundo que envolve uma característica essencial e singular ao homem: a sua capacidade simbólica e de interação com o outro pela mediação da palavra. Da palavra enquanto signo, variável e flexível, marcado pela mobilidade que lhe confere o contexto. Contexto entendido não só no sentido mais restrito de situação imediata de produção do discurso, mas naquele sentido que enraíza histórica e socialmente o homem. (BRANDÃO; MICHELETTI, 2007). Por isso, com a implantação do ensino remoto, o não contato presencial do aluno com o professor, dificultou ainda mais o desenvolvimento do processo ensino -aprendizagem da leitura nas escolas

O grande desafio das escolas brasileiras é fazer o aluno ler e entender o que lê e, conseqüentemente, levar os alunos a entender tudo o que leem exige explorar diferentes gêneros

e procedimentos de estudo. Para ser bem-sucedido na tarefa, é necessário o envolvimento dos professores de todas as disciplinas, que serão profissionais fundamentais na reconstrução educacional do país após o período de pandemia. Nessa perspectiva, as atividades planejadas precisam estar voltadas para que o aluno compreenda sempre aquilo que ele está lendo. Para tanto, as questões elaboradas precisam priorizar as habilidades de inferir, dentre elas, identificar ideia central, realizar inferência, estabelecer relação título texto, inferir sentido de palavras e/ou expressão, resumir textos, estruturar sequência lógica dos textos, dentre outras.

Segundo Marquesi (1994), o ensino de leitura deve levar em consideração o conhecimento prévio do aluno, a fim de se estabelecer uma interlocução entre texto, aluno e professor. Dessa maneira, pressupõe-se que a leitura possibilite a ampliação do conhecimento. A autora evidencia a necessidade de um trabalho que leve em conta as condições externas ao ato de leitura, como facilitadoras do processo, assim possibilitando uma leitura compreensiva.

Há no Brasil os chamados analfabetos funcionais, ou seja, aqueles que leem frases simples, conhecem números e assinam o nome, mas não conseguem entender uma receita de bolo ou a bula de um remédio, tampouco calcular o valor de prestações sem juros. Na prática, a falta dessas habilidades compromete a autonomia e o exercício da cidadania crítica.

Não bastasse os históricos desafios da alfabetização e do letramento, o ensino remoto decorrente da pandemia acrescentou uma nova camada de dificuldade. Com salas de aula virtuais, os professores tiveram que reinventar o jeito de ensinar a ler e a escrever. Outro ponto que ficou evidente com a pandemia é a dificuldade de acesso à tecnologia para crianças de famílias mais pobres. O que dificultou a questão não é somente a oferta de aulas não presenciais, mas o acesso dos estudantes a meios tecnológicos. Grande parte dos estudantes de classes sociais mais pobres vive em um contexto de vulnerabilidade social, ou seja, o pouco acesso à internet e a computadores, tablets e celulares.

Após um ano e meio de pandemia os professores deparam-se com muitos alunos que não conseguiam ler. O impacto do novo coronavírus, somado às dificuldades históricas no ensino, trouxe à tona a desigualdade que já era muito presente no sistema educacional. A pandemia somente reforçou o quanto ainda se têm essas lacunas entre os alunos dentro do sistema educacional.

Em virtude de o problema estar presente no aqui e agora, o sistema de ensino precisa traçar soluções para alcançar as crianças com dificuldade de leitura e desenvolver a alfabetização e a leitura compreensível da melhor forma possível. Essa tragédia silenciosa que

preocupa a educação brasileira neste momento precisa de estratégias, planos de reforço e recuperação para minimizar os impactos provocados pela pandemia e oferecer a oportunidade de uma educação inclusiva e preocupada com o acesso irrestrito a todos os cidadãos.

A linguagem escrita não pode ser reduzida a um código a ser decifrado como afirma Kramer (1988), a concepção de alfabetização precisa ser um processo de construção, compreensão e expressão de significados.

De acordo com Soares (1998),

[...] o que o letramento é depende essencialmente de como a leitura e a escrita são concebidas e praticadas em determinado contexto social; letramento é um conjunto de práticas de leitura e escrita que resultam de uma concepção de o quê, como, quando e por que ler e escrever (SOARES, 1998, p. 75).

Logo, a leitura e a escrita só terão sentido quando forem essenciais, quando o indivíduo estiver inserido num ambiente social letrado que o estimule a interpretar e interagir no contexto social em que vive.

Ler e entender é a “chave” para que a criança entre no mundo convencional e social. Sem o acesso aos sistemas que compõem a leitura e a escrita, ela se afastará da escola, dos processos de aprendizagem e poderá ficar excluída e marginalizada. Achará enfado, não conseguirá entender o que está escrito, vai se sentir separada, segregada. E, de fato, será, porque, normalmente, algum dia, não voltará. Passará a fazer parte de outras dinâmicas, nas quais a marginalização e a pobreza a engolirão. Não se saberá mais nada sobre ela e poderá ser um dos “invisíveis” do Estado brasileiro.

### 3. A IMPORTÂNCIA DO ATO DE LER E ENTENDER

A prática da leitura na realidade social brasileira é incipiente. Luckesi (2001) mostra que, desde os tempos coloniais, a leitura é vista como um instrumento de divisão social entre senhores e os escravos. Segundo ele:

A história da leitura entre nós, por conseguinte, se inicia com uma violenta discriminação: aos senhores era assegurado esse direito; aos outros, que nas suas culturas de origem certamente já o exerciam, era usurpado este mesmo direito, em nome da superioridade da raça dos que aqui aportaram como ‘descobridores e benfeitores’ (LUCKESI, 2001, p. 127).

Assim, a leitura no Brasil parece ser movida por uma prática discriminatória na medida em que o direito à informação e a capacidade de ler seu próprio mundo são retirados, alguns leem e a outros foram retiradas essas ferramentas de compreensão social. A alienação estabelecida na história parece ocupar seu lugar no tempo de uma forma diferente.

Ler significa afirmar a existência do sujeito, de sua história como produtor de linguagem e de sua singularização como intérprete do mundo que o cerca (FREIRE, 2003) A prática de ler é um ato de interesse individual que é promovida pelas políticas públicas que permitem a criação de diferentes programas e espaços, a disponibilização de livros e a criação de bibliotecas, entre outros recursos que incentivam a leitura. Os espaços escolares configuram-se, assim, como ambientes propícios para estimular e criar o hábito da leitura, instrumento por meio do qual se pode despertar uma consciência crítica e libertadora para promover a mudança social.

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto (FREIRE, 2003, p. 11).

O aprendizado é algo contínuo, nesse sentido, a leitura possui influência na memória, na assimilação, no raciocínio e na fala. Ler é um processo que começa quando o cérebro recebe informações visuais e conclui quando o cérebro associa a informação a um conhecimento prévio. Freire deixa claro que a leitura deve ser feita de forma crítica para a compreensão da leitura das palavras e da leitura do mundo.

A forma crítica de compreender e de realizar a leitura da palavra e a leitura do mundo está, de um lado, na não negação da linguagem simples, “desarmada”, ingênua, na sua não desvalorização por constituir-se de conceitos criados na cotidianidade, no mundo da experiência sensorial; de outro, na recusa ao que se chama de “linguagem difícil”, impossível, porque desenvolvendo-se em torno de conceitos abstratos. Pelo contrário, a forma crítica de compreender e de realizar a leitura do texto e a do contexto não exclui nenhuma das duas formas de linguagem ou de sintaxe. Reconhece, todavia, que o escritor que usa a linguagem científica, acadêmica, ao dever procurar tornar-se acessível, menos fechado, mais claro, menos difícil, mais simples, não pode ser simplista (FREIRE, 2001, p. 264-265).

Ler é sinônimo de conhecimento, e o conhecimento por sua vez é transformador. Portanto, é necessário construir uma perspectiva na qual as pessoas sejam apropriadas para ler como uma prática para ilustrar e visualizar situações sociais. Ou seja, criar condições para ler os códigos linguísticos presentes nos textos, também é essencial ler as complexidades ideológicas que permeiam os laços sociais. Ou seja, Freire (2003) enfatiza a educação ética que respeite a dignidade e a autonomia dos alunos. Essa autonomia permite que os alunos criem, reconstruam, testem, modifiquem sua realidade. Essa perspectiva começa com a leitura dessa realidade de vivências que envolvem a curiosidade, um ambiente democrático, o diálogo e uma relação construtiva entre professor e aluno. Somente pela leitura pode haver a emancipação do aprendiz passando da condição de simples espectador do mundo à de agente ativo e

transformador. É a partir do ato de ler que a pessoa como sujeito de sua ação, torna-se um ser ético e liberto, capaz de ler a realidade descobrindo e modificando o meio em que está inserido.

Ler é uma operação inteligente, difícil, exigente, mas gratificante. Ninguém lê ou estuda autenticamente se não assume, diante do texto ou do objeto da curiosidade a forma crítica de ser ou de estar sendo sujeito da curiosidade, sujeito da leitura, sujeito do processo de conhecer em que se acha. Ler é procurar buscar criar a compreensão do lido; daí, entre outros pontos fundamentais, a importância do ensino correto da leitura e da escrita. É que ensinar a ler é engajar-se numa experiência criativa em torno da compreensão. Da compreensão e da comunicação (FREIRE, 2001, p. 261).

Por isso a importância de projetos na área da prática da leitura. Nos tempos em que os recursos tecnológicos sugam boa parte do tempo do dia a dia das pessoas, é fundamental o incentivo à prática da leitura.

#### 4. ALFABETIZAR LETRANDO

Por bastante tempo os conceitos de alfabetização e letramento foram considerados como se significassem o mesmo conceito, porém alguns autores apresentaram definições diferentes para cada conceito. Segundo a autora Magda Soares (2004), o conceito de alfabetização não deve ser definido, sendo apenas uma técnica de aprender a escrever e a ler.

Mais adiante em seu livro *Alfabetizar a escritora dá a seguinte definição:*

[...] Alfabetização: processo de apropriação da “tecnologia da escrita”, isto é, do conjunto de técnicas, procedimentos, habilidades necessárias para a prática da leitura e escrita: domínio do sistema de representação que é a escrita alfabética e das normas ortográficas; habilidades motoras de uso de instrumentos de escrita (lápiz, caneta, borracha...); aquisição de modos de escrever e de modos de ler – aprendizagem de uma certa postura corporal adequada para escrever ou para ler, habilidades de escrever ou ler, seguindo convenções da escrita, tais como: a direção correta da escrita na página (de cima para baixo, da esquerda para a direita); a organização espacial do texto na página; a manipulação correta e adequada dos suportes em que se escreve e nos quais se lê – livro, revista, jornal, papel etc (SOARES, 2020, p. 27).

Alfabetização é aprender o sistema representacional que constitui a escrita, ou seja, conhecer as letras, reconhecer os sons de cada uma, modificar os sons em grafemas, conhecer e fazer conexões silábicas. Esse processo é denominado por faceta linguística da aprendizagem inicial da língua escrita, ou alfabetização. Essa característica é necessária, mas não o bastante para que uma criança se torne alfabetizada e letrada, pois atrelado a isso, é preciso trabalhar outra característica fundamental, chamada letramento. A proposta de aliar a alfabetização ao letramento, desenvolvida pela professora e pesquisadora Magda Soares desde a década de 80, é o que ela denomina de *Alfabetizar*.

A autora Emília Ferreiro (1999) já afirma que a alfabetização não é um estado a ser alcançado, mas um processo que começa na maioria dos casos antes da escola e não conclui no final do ensino fundamental. A autora defende que, de todos os grupos demográficos, as

crianças são as mais fáceis de serem alfabetizadas e estão em processo contínuo de aprendizagem, enquanto os adultos já estabeleceram formas de ação e compreensão mais difíceis de mudar, ressalta ainda que:

Há crianças que chegam à escola sabendo que a escrita serve para escrever coisas inteligentes, divertidas ou importantes. Essas são as que terminam de alfabetizar-se na escola, mas começaram a alfabetizar muito antes, através da possibilidade de entrar em contato, de interagir com a língua escrita. Há outras crianças que necessitam da escola para apropriar-se da escrita (FERREIRO, 1999, p. 23).

A autora Maria Moratti (2004, p. 34) dá as seguintes concepções sobre letramento: É preciso hoje, também saber utilizar a leitura e a escrita de acordo com as contínuas exigências sociais, e esse algo mais é o que se vem designando “letramento”.

O termo letramento foi definido por Soares (2020) da seguinte forma:

[...] Letramento: Capacidades de uso da escrita para inserir-se nas práticas sociais e pessoais que envolvem a língua escrita, o que implica habilidades várias, tais como: capacidade de ler ou escrever para atingir diferentes objetivos - para informar ou informar-se, para interagir com outros, para imergir no imaginário, no estético, para ampliar conhecimentos, para seduzir ou induzir, para divertir-se, para orientar-se, para dar apoio à memória etc.; habilidades de interpretar e produzir diferentes tipos e gêneros de textos; habilidade de orientar-se pelas convenções de leitura que marcam o texto ou de lançar mão dessas convenções, ao escrever; atitudes de inserção efetiva no mundo da escrita, tendo interesse e prazer em ler e escrever sabendo utilizar a escrita para encontrar ou fornecer informações e conhecimentos, escrevendo ou lendo de forma diferenciada as circunstâncias, os objetivos, o interlocutor (SOARES, 2020, p. 27).

Entende-se que a autora define o letramento como a função social da leitura e da escrita.

É tradição pedagógica brasileira considerar a alfabetização como uma etapa escolar anterior ao ensino da língua portuguesa, mas esses processos devem ocorrer em conjunto, cada um tem sua especificidade, porém, devem trabalhar em conjunto para que a aprendizagem vá além da alfabetização e da utilização social da leitura e da escrita contextualizando-os, de modo que sirvam tanto como instrumento de apropriação cultural, como processo de comunicação e expressão, produção de compreensão e participação social efetiva, quanto como organização da reflexão e desenvolvimento.

Alfabetização e letramento são processos cognitivos e linguísticos distintos, portanto, a aprendizagem e o ensino de um e de outro é de natureza essencialmente diferente; entretanto, as ciências em que se baseiam esses processos e a pedagogia por elas sugeridas evidenciam que são processos simultâneos e interdependentes. A alfabetização - a aquisição da tecnologia da escrita - não precede nem é pré-requisito para o letramento, ao contrário, a criança aprende a ler e escrever envolvendo-se em atividades de letramento, isto é, de leitura e produção de textos reais, de práticas sociais de leitura e de escrita (SOARES, 2020, p. 27).

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (1997), a linguagem é necessária para a participação efetiva do indivíduo na sociedade. Assim, em seu

ensino, a escola tem o dever de garantir a todos os seus alunos o acesso aos conhecimentos linguísticos essenciais ao exercício da cidadania direito intransferível de todos.

A prática do alfabetizar deve ser efetiva e aplicável ao cotidiano do educando, dando real sentido à sua vida social.

Para alfabetizar letrando, é preciso que o professor assuma certas posturas, de modo que a prática pedagógica seja conduzida no sentido de viabilizar a formação de um sujeito que não apenas decodifica/ codifica o código escrito, mas que exerça a escrita nas diversas situações sociais que lhe são demandadas (MACIEL; LÚCIO, 2008, p. 32).

Na mesma perspectiva a autora Emília Ferreiro (1999, p. 21) fala, “é imperioso (porém, nada fácil de se conseguir) restabelecer, no nível das práticas escolares, uma verdade elementar: a escrita é importante na escola, porque é importante fora da escola, e não o inverso.”

Trazer assuntos que corresponda ao mundo do aluno, temática esta que envolva a sua curiosidade, desperta o desejo de saber mais sobre o que foi lido e o que mudará ao ler o texto.

#### 4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia utilizada na pesquisa é de caráter qualitativo/interpretativo que, segundo Aaker (2004) é apropriada quando se enfrenta uma situação de incerteza, pois os resultados podem divergir das expectativas e podem mudar o julgamento. E seguido de pesquisa bibliográfica, que de acordo com Amaral (2007),

[...] é uma etapa fundamental em todo trabalho científico que influenciará todas as etapas de uma pesquisa, na medida em que der o embasamento teórico em que se baseará o trabalho. Consistem no levantamento, seleção, fichamento e arquivamento de informações relacionadas à pesquisa (AMARAL, 2007, p. 1).

A pesquisa foi também de natureza exploratória e descritiva e deu-se por meio de uma pesquisa de campo. O campo de estudo escolhido foi a Escola Padre Ângelo de Lassalandra, a escolha se organizou por questões sociais e educacionais, devido ao déficit de leitura presente na instituição. Além disso, foi uma pesquisa participativa de intervenção, pois trabalhou a dificuldade de leitura dos alunos.

A escola Municipal Padre Ângelo de Lassalandra está localizada na Praça São José S/N Bairro Catumbi, Balsas- MA. Foi fundada em 29 de março de 1985 na administração do prefeito Heliodoro Sousa.

Atualmente conta com 16 salas funcionais, 01 secretaria, 01 biblioteca, 01 sala multifuncional, 06 sanitários para alunos e 04 para professores, 01 depósito de merenda, 01 quadra poliesportiva, amplo pátio aberto e uma praça de convivência.

A escola oferece os cursos de Ensino Fundamental regular (1º ao 9º ano) e Educação de Jovens e Adultos (EJA), funcionando nos turnos Matutino, vespertino e Noturno. Conta ainda com Atendimento Especializado em horários diferenciados. Durante o ano de 2021 a escola atendeu 1.295 alunos.

A pesquisa foi executada a partir dos dados dos Professores e Coordenadores que participaram de um levantamento de quantos alunos dos 5º anos que tinham dificuldade de leitura ou que não sabiam ler. A partir desse levantamento, 15 voluntários do Curso de Letras e Pedagogia foram à Escola duas vezes por semana para se reunir com esses alunos e trabalhar a alfabetização e o letramento.

Os alunos de Pedagogia trabalharam a Alfabetização e dificuldades de Aprendizagem, que segundo Soares:

[...] a alfabetização se desenvolve no contexto de e por meio de práticas sociais de leitura e de escrita, isto é, através de atividades de letramento, e este, por sua vez, só pode desenvolver-se no contexto da e por meio da aprendizagem das relações fonema-grafema, isto é, em dependência da alfabetização (SOARES, 2004, p. 14).

E os alunos de Letras trabalharam a leitura na perspectiva do letramento que segundo a educadora e pesquisadora Magda Soares “[...] é não só aquele que sabe ler e escrever, mas aquele que usa socialmente a leitura e a escrita, pratica a leitura e a escrita, responde adequadamente às demandas sociais de leitura e de escrita” (SOARES, 1998, p. 39-40).

A amostra e os instrumentos para coleta de dados foram um questionário enviado aos participantes por Google Forms (ver apêndice). Os procedimentos de análise obedeceram aos critérios de caráter interpretativo/qualitativo, considerando alguns pontos quantitativos como número de alunos e percentuais.

Toda a pesquisa seguiu as questões éticas contidas nos documentos oficiais da Universidade Estadual do Maranhão- UEMA.

O projeto teve início em 2021 com o retorno das aulas presenciais na escola e com isso houve necessidade de um suporte para tentar minimizar os impactos causados durante a pandemia no ensino, principalmente na leitura e escrita dos alunos. Sendo assim, a escola buscou parceira com a Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, através da professora do Departamento de Letras, professora Dra. Marta Helena Facco Piovesan, onde foram feitas reuniões e definidas quais as estratégias utilizadas no projeto para auxiliar os alunos com dificuldade de aprendizagem na escola.

A trajetória profissional pode começar através de diversas oportunidades, pode ocorrer por meio de estágios obrigatórios, projetos de iniciação científica, projeto de extensão, monitoria, mas a é através de projeto de extensão que o acadêmico se aproxima da sociedade de forma mais livre que o estágio obrigatório, pois não há um tempo pré-estabelecido para ser encerrado e pode ser desenvolvido por toda a trajetória acadêmica. Assim, durante a graduação, os alunos que se envolvem em programas de extensão, sejam bolsistas ou voluntários, têm mais uma oportunidade de vivenciar a realidade que encontrarão quando se tornarem profissionais.

A extensão permite ao bolsista ou voluntário vivenciar a ligação entre a formação universitária e a aplicabilidade da sua futura carreira profissional na realidade social, conhecendo sua prática profissional.

Parte-se do princípio de que a formação do acadêmico é tomada como fundamento do processo educativo implementado na universidade, uma vez que contribuirá para sua compreensão como ser socialmente responsável e livre, capaz de refletir sobre o vivido e o aprendido em sala de aula e outros espaços, como na comunidade, que vão construindo cotidianamente sua identidade pessoal e profissional alicerçadas na busca do saber ser, saber fazer e saber aprender, ou seja, na formação de suas competências (FERNANDES *et al.*, 2012, p. 3).

Nesse contexto, o projeto de extensão promove a inserção do acadêmico em seu ambiente de trabalho e o encaminha para futura carreira docente, campo rico para a construção e reconstrução do conhecimento, proporcionando experiências enriquecedora para ambas as partes. Segundo Paulo Freire (2005, p. 39): “Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”.

O projeto contou com a colaboração de 15 alunos da UEMA, sendo alunos dos Cursos de Pedagogia e Letras, com duração de oito meses, tendo intervalo nos meses de janeiro, fevereiro e março. E participaram 33 alunos da Escola Municipal Padre Ângelo de Lassalandra.

Para conseguir alfabetizar um aluno é essencial que o professor utilize um ou vários métodos que possam auxiliá-lo como condutor do processo de aprendizagem, para que ele possa trilhar caminhos, tomar decisões que levem à aquisição da leitura e da escrita. Assim, ele pode utilizar métodos considerados tradicionais ou não tradicionais para guiar sua prática.

No projeto desenvolvido na Escola Municipal Padre Ângelo de Lassalandra as metodologias aplicadas para o ensino da leitura ficaram a critério de cada voluntário, devido cada aluno demandar estratégias e metodologias diferentes, cada aluno tinha suas particularidades a serem observadas pelo seu mediador. Diante dessas opções, cabe ao professor escolher aquele que melhor atenderá às necessidades de seus alunos e contribua para o sucesso do processo de alfabetização.

## 5. RESULTADOS

O presente estudo teve como objetivo identificar e sinalizar os fatores que interferem no processo da leitura e conseqüentemente também no processo de ensino – aprendizagem dos alunos da Escola Municipal Padre Ângelo de Lassalandra. Para isso foi realizado uma entrevista com os participantes voluntários do projeto e por meio dele foi possível identificar que os fatores que interferem no processo de ensino e aprendizagem são inúmeros, sendo que tais fatores podem emergir temporariamente e outros podem permanecer em todas as fases da vida escolar das crianças.

Participaram como voluntários do projeto a Professora Marta Helena Facco Piovesan, que além de orientar o projeto, também participou de forma ativa como mediadora juntamente com alunos de Letras e Pedagogia da UEMA. Ao encerrar o período letivo os participantes do projeto receberam declaração de participação que serão utilizadas como horas para Atividades Teórico – Práticas – ATP, além da rica experiência adquirida que ao conciliar a teoria com prática promoverá aos licenciandos tornar suas atividades profissionais únicas em relação aos demais profissionais da área, possibilitando um diferencial no seu processo de formação e futuro campo de atuação.

Os alunos participantes do Projeto foram alunos dos 5º anos matutino e vespertino da Escola Municipal Padre Ângelo de Lassalandra, foram identificados pela coordenação pedagógica em parceria com professores um total de 33 alunos com dificuldades acima de média na disciplina de Língua Portuguesa, com isso causando prejuízos nas demais disciplinas escolares. Os alunos que participaram do projeto foram selecionados pelos professores e pela coordenação, com objetivo de sanar ou diminuir os prejuízos que já eram presentes nos seus históricos.

### 5.1 Análise dos Resultados

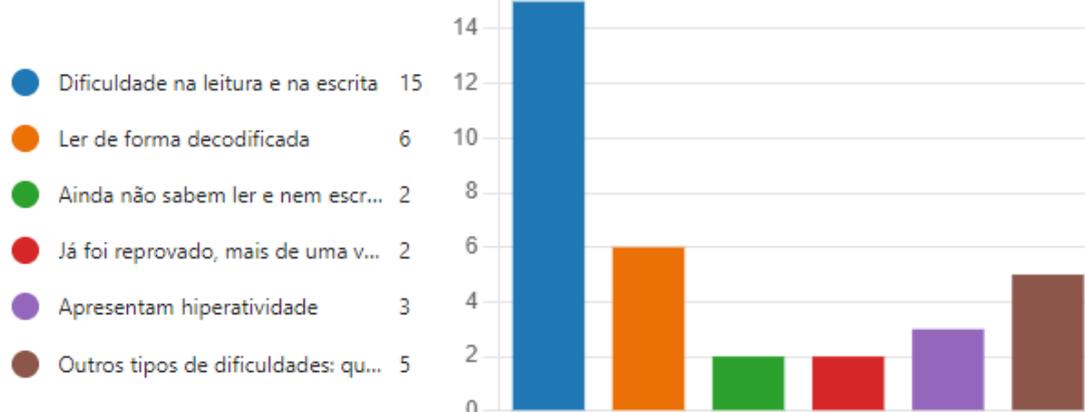
A seguir serão apresentadas as respostas dos participantes voluntários na Escola Padre Ângelo de Lassalandra por meio de um questionário realizado através do Google Forms. Essas análises foram feitas com a amostra de 15 participantes, e as questões analisadas estão voltadas para a dificuldade de leitura dos alunos.

A primeira pergunta formulada aos participantes foi: quais as dificuldades encontradas pelos alunos?

Apenas a questão número 1 será demonstrada por meio de gráfico, um recurso utilizado para representar um fenômeno que possa ser mensurado, quantificado ou ilustrado de forma

mais ou menos lógica, visto que as respostas são mais uniformizadas e permitem comparar os resultados quantitativo e qualitativos.

**Gráfico 1:** Entrevista com participantes.



Fonte: Dados de pesquisa (2022).

Diante do gráfico e dos comentários feitos pelos voluntários do projeto, pode-se constatar que entre as mais recorrentes dos participantes do projeto de leitura estão: dificuldade na leitura e na escrita, todos os entrevistados deram essa afirmativa; depois 6 dos 15 entrevistados relataram que as crianças já tinham sido reprovadas e continuavam com dificuldade de aprendizagem, 5 dos 15 entrevistados relataram outros tipos de dificuldades observadas como: compreensão/interpretação, concentração, inquieto, confundir as letras, não ler sílabas complexas e dificuldades na disciplina de matemática, ou seja, afetando também o aprendizado em outras disciplinas não só na disciplina de Língua Portuguesa. Que de acordo com Souza (2008, p. 7), “a dificuldade para ler bem e interpretar o que é lido impede os alunos de conhecer e apropriar-se da matemática escolar e encontrar no seu estudo algum significado para seu crescimento”. Ao não atribuir sentido ao que está sendo estudado, o aluno apenas decorará o conteúdo para obter sua aprovação escolar.

Perguntou-se ainda quais as dificuldades dos alunos em assimilar os conteúdos e a quem se atribui esse problema?

Os voluntários foram unânimes em afirmar que leitura é uma problemática que causa diversos receios, como medo de errar, vergonha de apresentar trabalho, ir ao quadro responder questões, até mesmo interagir com outros alunos na escola. Também foi relatado que o fator social é um fator que mais implica nos resultados dos alunos, pois muitos faltam às aulas porque moram na zona rural e muitas vezes não podem ir à escola devido à falta de transporte ou outros motivos familiares.

Como espaço pedagógico explorável didaticamente, a escola necessita desse acesso para todos, para que se torne acolhedora às vontades, anseios e motivações que permeiam as sociedades em evolução. Um dos fatores pertinentes para a igualdade de oportunidades para quem mora longe das escolas é a disponibilização de um sistema de transporte que sirva como um facilitador de ligação em toda trajetória educacional e preparação para o futuro.

A Constituição Federal de 1988 estabelece a educação como condição fundamental para o desenvolvimento social e enfatiza aspectos de acesso universal como retenção dos alunos nas escolas. É importante mencionar:

Art. 208 – O dever do estado com a educação será efetivado mediante a garantia de:  
VII – Atendimento ao educando, no Ensino Fundamental, através de programas suplementares de material didático-escolar, transporte, alimentação e assistência à saúde. (BRASIL, Constituição de 1988)

No caso de universalização e permanência escolar, impõe-se a dependência da disponibilidade de transporte escolar e a obrigatoriedade de garantia dessa modalidade por parte do poder público.

O fator pandêmico também foi um fator quase unânime tanto na entrevista quanto nos relatos pelos profissionais da escola durante o projeto. A pandemia do coronavírus aumentou ainda mais a diversas problemáticas já presentes no cotidiano da escola, principalmente a falta de rotina nos estudos em casa, pois os alunos passaram um ano e meio com aulas remotas e sem o acompanhamento efetivo dos professores. Mesmo que por contato por WhatsApp, nada substitui o contato pessoal e a rotina escolar adequada, o ambiente propício e vários outros fatores que somente o ambiente escolar está preparado para ofertar aos alunos para a promoção do ensino.

Foi perguntado quais fatores sociais podem ser atribuídos as dificuldades de aprendizagem?

São diversos fatores sociais que podem interferir no processo de ensino – aprendizagem, mas segundo os entrevistados, os fatores que mais prejudicam o aprendizado dos alunos é o fator financeiro e a falta de participação da família na vida escolar.

É visivelmente necessário e indispensável a participação da família na vida escolar dos filhos, a criança bem assistida pelos pais e com relação próxima com a escola, desenvolve-se muito melhor no processo de ensino-aprendizagem durante toda sua vida escolar, Torres *et al.* (2016) descreve que quando a criança recebe o suporte dos pais e dos professores, as dificuldades que surgem na trajetória escolar podem ser ressignificadas. Tais dificuldades são

consideradas temporárias e surgem quando estão relacionadas à adaptação do aluno. No entanto, existem dificuldades que podem afetar o aluno durante a escolarização e desenvolvimento, por isso é necessário que professores e pais se atentem para auxiliar o aluno.

Uma ligação estreita e continuada entre os professores e os pais leva, pois a muita coisa que a uma informação mútua: este intercâmbio acaba resultando em ajuda recíproca e, frequentemente, em aperfeiçoamento real dos métodos. Ao aproximar a escola da vida ou das preocupações profissionais dos pais, e ao proporcionar, reciprocamente, aos pais um interesse pelas coisas da escola chega-se até mesmo a uma divisão de responsabilidades [...] (PIAGET, 2007, p. 50).

A educação é responsabilidade da família e da escola. Ambos os lados devem trabalhar juntos para garantir os direitos das crianças, promover e apoiar seu pleno desenvolvimento de aprendizagem.

A família é a primeira instituição social do ser humano e esta é fundamental para a construção do indivíduo, o despertar dos anseios, as referências para formação do caráter e em vários outros aspectos são refletidas através da vida familiar e sem dúvida e educação escolar é uma delas. Quanto a essa importante relação, Bock (1999) traz essa afirmação:

A aprendizagem sempre inclui relações entre as pessoas. A relação do indivíduo com o mundo está sempre medida pelo outro. Não há como aprender e aprender o mundo se não tivermos o outro, aquele que nos fornece os significados que permitem pensar no mundo a nossa vida. Veja bem, Vygotsky defende a ideia de que não há um desenvolvimento pronto e previsto dentro de nós que vai se atualizando conforme o tempo passa ou recebemos influência externa (BOCK, 1999, p. 124).

Ensinar é um trabalho de ajudar ou modelar o desenvolvimento de um indivíduo, pois esse é um processo que acontece de fora para dentro. Todo ser humano está sempre à procura de algo que justifique a sua existência, que dê um motivo para viver. Por isso a forma de relacionamento, aspectos emocionais, conduta da maneira de comunicação são, portanto, pré-requisitos para o processo de ampliação de aprendizagem e assim muitos alunos recusam a escola devido à infância turbulenta e à falta de amor, principalmente por parte dos pais.

Existem muitos fatores socioeconômicos que afetam a aprendizagem como classes sociais, etnia, salário, desigualdade educacional, desigualdades nas oportunidades de crescimento, desigualdades culturais, políticas e lazer.

O poder financeiro afeta todos os aspectos na vida de uma pessoa não sendo diferente em relação à educação, sendo esta área talvez a mais afetada, pois dificulta a qualquer pessoa aprender a ler, escrever, pesquisar, quando se tem fome e precisa de tudo: comida, amor, carinho, afeto, espaço físico, atenção. Então, são inúmeras e imensas as deficiências de indivíduos que são obrigados a viver e conviver com a pobreza, a fome, violência e o desvalor em uma sociedade capitalista e discriminatória.

É significativo ressaltar que a desigualdade financeira é tão insensata que diversas vezes a criança vai à escola com a única intenção de matar sua fome. Às vezes as dificuldades de aprendizagem são na verdade dificuldades mais complexas, muitas vezes criadas por comportamentos que não levam em consideração ou interpretam a realidade dos alunos, as desigualdades econômicas, culturais, sociais e pessoais.

Quais metodologias você utilizou para facilitar o processo de ensino e aprendizagem e superar as dificuldades de leitura?

Os professores voluntários utilizaram vários métodos, estratégias e metodologias diferentes para cada aluno com suas particularidades e escolheram aqueles que melhor atenderiam às necessidades dos alunos. Atividades interativas, leitura guiada, jogos, metodologias ativas e outras práticas pedagógicas para transformar a aula em experiências de aprendizagem significativas para os alunos. Um momento dedicado somente à interação entre professor-aluno, com a leitura de histórias, ênfase no sentido das palavras e nas ilustrações para favorecer condições de aprendizagem.

Com relação à leitura e escrita, o que você acha que pode ser feito para melhorar o desempenho dos alunos no processo de alfabetização?

O importante da perspectiva emocional é reconhecer e respeitar as diferenças que surgem, mostrar que a criança está acolhida, dar oportunidade para se expressarem.

Um fator importante para despertar o interesse nos alunos é a afetividade, que é entendida como o reconhecimento construído pela experiência que não se limita ao contato físico, mas à interação que se estabelece entre as partes envolvidas, em que todos os atos comunicativos são sustentados pela manifestação de comportamentos, intenções, crenças, valores, sentimentos e os anseios influem os relacionamentos e, portanto, o processo de aprendizagem.

Perceber o sujeito como um ser intelectual e afetivo, que pensa e sente de forma simultânea e identificar a afetividade como parte integrante do processo de construção do saber e demanda um outro olhar para a prática pedagógica, não limitando o processo ensino-aprendizagem apenas à dimensão cognitiva.

A última pergunta aos participantes foi sobre a experiência de participar do projeto.

A inserção dos acadêmicos em projetos nas escolas de educação básica é muito importante em sua formação inicial, uma vez que ao entrarem em contato com a realidade do

dia a dia escolar reforçam sua formação profissional, estruturando sua postura docente e crítica em constante transmutação.

Ingressar no curso de formação inicial é somente um marco no caminho do crescimento profissional e pessoal e, à medida que os acadêmicos são integrados na Instituição e no Curso, por meio dos conhecimentos específicos das disciplinas, das teorias pedagógicas e dos elementos práticos das atividades de ensino, são inseridos no mundo da educação e começam a composição de suas histórias de vida. E juntos, eles constroem a base para a construção de suas carreiras, bem como diz Selles (2002) quando afirma que a formação de um professor é um processo contínuo.

O elo entre a Universidade e a educação básica de ensino público deve ser benéfica e significativa para ambas as partes, por um lado traz ricas experiências para os futuros licenciados, pois se os conhecimentos constituídos pelos futuros professores na Universidade em sua trajetória pré-profissional vão influenciar na sua atuação docente (ARAÚJO Jr.; AMARAL, 2006), é provável que as experiências dos licenciados inseridos no projeto de extensão, exerçam influências benéficas significativas em suas carreiras profissionais. A longo prazo, espera-se que a promoção de experiências iniciais de aprendizagem profissional inicial dos acadêmicos dos cursos Letras e Pedagogia lhes permita estruturar seus primeiros passos como futuros professores. A atitude crítica abre caminho para a mudança e evolução profissional inicial dos acadêmicos dos cursos Letras e Pedagogia e contribui na formação da educação básica de qualidade na rede pública, promovendo melhorias que possibilitem transformações na realidade dos alunos, tendo estes como referências para objetivarem um futuro melhor e possibilitar o acesso dessas crianças a níveis mais elevados de educação.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As dificuldades de leitura surgem devido a vários fatores. Esses motivos estão relacionados a aspectos sociais, culturais, familiares e psicológicos, que acabam dificultando a capacidade de aprender a ler e escrever e com a pandemia esse problema se agravou ainda mais nas escolas. É importante que ao identificar esses obstáculos, o professor possa observar a origem, investigar e analisar as causas desse déficit de leitura e buscar uma intervenção que permita à criança superar os obstáculos, como foi o caso da Escola Municipal Padre Ângelo de Lassalandra, que a partir dessa observação com os alunos do ensino fundamental, percebeu o retrocesso na leitura dos alunos dos 5º anos que ao retornarem às aulas presenciais, voltaram com mais dificuldades do que se imaginava.



O grande desafio das escolas é proporcionar alfabetização de qualidade às crianças, particularmente às das camadas populares. E com a pandemia esse processo de escolarização foi interrompido, embora os professores e escolas se esforçaram para diminuir esses prejuízos dentro das possibilidades e recurso disponíveis por meio do ensino remoto, solicitando, para isso, a colaboração das famílias.

Na perspectiva desta pesquisa e observação do desenvolvimento do projeto de leitura foi possível compreender que não ler bem ou não ter uma boa leitura vai muito além da vida escolar, pois é preciso analisar o indivíduo como um todo e o ambiente em que ele se desenvolve fora da sala de aula. A compreensão da leitura vai muito além da ideia de ler livros, é preciso ter foco na possibilidade de levar o aluno a produzir seus próprios caminhos, fazendo sua leitura de mundo a partir da realidade e entender que apesar das dificuldades é possível mudar a realidade em que está inserido.

A pandemia evidenciou uma relevante reflexão sobre as lacunas ainda persistentes nos problemas de aprendizagem dos alunos da rede pública de ensino tanto na leitura quanto na escrita. Com as aulas remotas, ficou claro que era preciso rever a estrutura do ensino brasileiro, principalmente na rede pública.

Nesse sentido, o projeto aplicado na Escola Municipal Padre Ângelo de Lassalandra, resultado desta pesquisa, contribuiu muito para a melhoria do ensino- aprendizagem da leitura. Professores, coordenadores, pesquisadores e voluntários se reuniram em prol de um problema comum: alfabetizar letrando. Fazer com que os alunos se sentissem motivados e capazes de ler uma palavra, um texto, uma história.

É importante que os processos de leitura não sejam apenas adaptados ao conteúdo, mas também sejam vistos no contexto familiar, pois a ajuda dos pais ou responsáveis mudará completamente a aquisição da leitura e da escrita. Além da implementação de políticas públicas voltadas para o auxílio às famílias mais necessitadas que em razão da pandemia se agravou ainda mais, oferta de transporte de qualidade, formação continuada dos professores, parceria com universidades e diversos, planejamento voltado para atender e sanar os problemas deixados durante o período pandêmico.

Portanto, dentro desse complexo processo fez-se uma diferença positiva junto à escola para diminuir os impactos causados pela pandemia. Esta pesquisa buscou identificar meios que facilitassem a aprendizagem dos alunos no que tange à utilização da linguagem em diversas situações reflexivas, respeitando suas particularidades, sua competência comunicativa e sua

autonomia. Deu-lhes segurança e fez um trabalho individualizado para garantir que todos tivessem acesso a essa imensa e importante experiência na sociedade letrada.

## REFERÊNCIAS

AAKER, D. A. **Pesquisa de marketing**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2004.

AMARAL, J. J. F. **Como fazer uma pesquisa bibliográfica**. Fortaleza, CE: Universidade Federal do Ceará, 2007. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/58544>. Acessado em: Mai. 2022.

ARAÚJO Jr, C.; AMARAL, L. H. (Org.). **Ensino de Ciências e Matemática: Tópicos em Ensino e pesquisa**. São Paulo: Andross, 2006.

BOCK, A. M. B. (org.). **Psicologia: Uma Introdução ao Estudo de Psicologia**. São Paulo: Saraiva, 13ªed. 1999.

BRANDÃO, H. H. N.; MICHELETTI, G. **Teoria e prática da leitura**. São Paulo: Cortez, 2007.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Alfabetização. **PNA Política Nacional de Alfabetização/Secretaria de Alfabetização**. – Brasília: MEC, SEALF, 2019.

BRASIL. **Constituição do Brasil**. Brasília, 1988. Disponível em: [https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88\\_Livro\\_EC91\\_2016.pdf](https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf), Acessado em: Dez. 2022.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa / Secretaria de Educação Fundamental**. – Brasília, 1997.

CORDEIRO, K. M. de A. **O impacto da pandemia na educação. A utilização da tecnologia como ferramenta de ensino**. 1-15. 2020. Disponível em: <https://dspace.sws.net.br/jspui/bitstream/prefix/1157/1/O%20IMPACTO%20DA%20PANDEMI%20NA%20EDUCA%20COMO%20FERRAMENTA%20DE%20ENSINO.pdf>. Acessado em: Nov. 2022.

FERANDES, M. C. *et al.* **Universidade e extensão universitária: a visão dos moradores das comunidades circunvizinhas**. Educação em Revista, 2012. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-46982012000400007](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982012000400007). Acessado em: Out. 2022.

FERREIRO, E. **Com todas as letras**. São Paulo, Cortez, 1999.

FREIRE, P. **A importância do ato de Ler: em três artigos que se completam**. 44 ed. São Paulo: Cortez, 2003.

FREIRE, P. **Carta de Paulo Freire aos professores**. Estudos Avançados, [S. l.], v. 15, n. 42, p. 259-268, 2001. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9805>. Acessado em: Out. 2022.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - PNAD Contínua - 2019**. Disponível em <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho>. Acessado em: Nov. 2022.

KOCH, I. V.; ELIAS, V. **Ler e escrever: estratégias de produção textual**. – São Paulo: Contexto, 2010.

KRAMER, S. **A política do Pré- Escolar no Brasil: a arte de disfarce**. São Paulo: Cortez, 1988.

LUCKESI, C.; COSMA, J.; BAPTISTA, N. **Fazer universidade: uma proposta metodológica**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

MACIEL, F. I. P.; LUCIO, I. S. Os conceitos de alfabetização e letramento e os desafios da articulação entre teoria e prática. In: CASTANHEIRA, M. L.; MACIEL, F. I. P.; MARTINS, R. M. F. (Org). **Alfabetização e letramento na sala de aula**. Belo Horizonte: Autêntica Editora: Ceale, 2008.

MARQUESI, S. C. **Interação Verbal em Sala de Aula: A Leitura**. João Pessoa: Revista da ANPOLL, 1994.

MEC. **Ministério da Educação**. 2020. Disponível em: Portaria nº 343-20-mec (planalto.gov.br). Acessado em: Out. 2022.

MEC. **Ministério da Educação**. 2016. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br>. Acessado em: Dez. 2021.

MORATTI, Maria do Rosário Longo. **Educação e letramento**. São Paulo: UNESP, 2004.

PIAGET, J. **Para onde vai à educação**. Rio de Janeiro. José Olímpio, 2007.

RODRIGUES, E. N. As Percepções dos Professores e Alunos no Contexto da Pandemia de Covid-19: Uma Revisão de Literatura. In: LACERDA, T. E.; GRECO, R. **Educação remota em tempos de pandemia: ensinar, 1.ed. aprender e ressignificar a educação [livro eletrônico]**. 1.ed. Curitiba-PR: Editora Bagai, 2021. Disponível em: <<https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/601699/2/Editora%20BAGAI%20-%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20Remota%20em%20Tempos%20de%20Pandemia.pdf>>. Acessado em: Out. 2022.

SELLES, S. E. Formação continuada e desenvolvimento profissional de professores de ciências: anotações de um projeto. **Ensaio - Pesquisa em Educação em Ciências**, Volume 02/ Número 2, 2002. <https://www.scielo.br/j/epec/a/xSDKPC5kVyTBNVGFJJt6SNn/abstract/?lang=pt>. Acessado em: Out. 2022.

SOARES, M. **Alfalettrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever**. São Paulo: Contexto, 2020.

SOARES, M. **Alfabetização e letramento: caminhos e descaminhos**. Revista Pátio, 2004. Disponível em:

<http://www.acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40142/1/01d16t07.pdf>. Acessado em: Ago. 2022.

SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: CEALE/Autêntica, 1998.

SOUZA, O. **Práticas de leitura e escrita nas aulas de matemática: contribuições para uma abordagem da matemática no ensino fundamental à luz da teoria da aprendizagem situada**. Belo Horizonte, 2010. Disponível em: [http://www2.rc.unesp.br/eventos/matematica/ebiapem2008/upload/58-1-A-GT8\\_souza\\_ta.p](http://www2.rc.unesp.br/eventos/matematica/ebiapem2008/upload/58-1-A-GT8_souza_ta.p). Acessado em: Nov. 2022.

TOMAZINHO, P. **Ensino Remoto Emergencial: a oportunidade da escola criar, experimentar, inovar e se reinventar**. SINEPE/RS, Porto Alegre. 2022. <<https://www.sinepe-rs.org.br/>>. Acessado em: Dez. 2022.

TORRES, N. L.; SOARES, T. S.; CONCEIÇÃO, F. H. G. **Dificuldade de aprendizagem: Além do Muro Escolar**. FAMA, 2016. <https://www.trabalhos.com/Sociais-Applicadas/Pedagogia/Dificuldade-de-Aprendizagem-A1%C3%A9m-do-muro-Escolar-1454114.html>. Acessado em: Out. 2022.